

NI DE ACÁ, NI DE ALLÁ: MEMÓRIA E IDENTIDADE DE FILHOS DE IMIGRANTES URUGUAIOS RESIDENTES EM PELOTAS

ARIEL SALVADOR ROJA FAGÚNDEZ

Mestrando em Ciências Sociais do Instituto de Sociologia e Política-UFPeL

Instituto de Sociologia e Política da UFPeL.

O golpe de estado no Uruguai em 1973 foi o desfecho de um longo período de freqüentes crises econômicas, sociais e políticas, que vinham se agravando desde o final dos anos 60. Com as constantes violações aos direitos civis, o encerramento do Estado democrático, muitos uruguaios perceberam que a crise não era passageira. Segundo aponta Nahum (1994), o volume de emigração nesses anos superou a cifra de 218.000 pessoas, correspondendo a 8% da população total do país. Também conforme dados do Comitê dos Direitos Humanos da ONU, o país tinha a mais alta proporção de prisioneiros políticos do mundo¹. Buscando alternativas para essas questões, muitos “orientales” viram-se obrigados a sair de sua terra natal. Esse fenômeno caracterizado como uma verdadeira “diáspora”, a ponto de o Uruguai ser considerado hoje um país de velhos, já que a maior parte de população que se decidiu por sair era composta por jovens em idade economicamente ativa. É importante destacar que o país não teve seu fluxo emigratório encerrado ou diminuído com o final do período de exceção. A retomada da democracia, em meados dos anos 80, foi acompanhada de reformas de caráter neoliberais, exigindo da nação adaptações que terminaram por afetar vários segmentos da sociedade os quais passaram a ter na estagnação econômica o novo fator de impulsão de seus cidadãos para fora do país. Ana Gonzáles (2006) aponta para números mais atualizados e igualmente drásticos, avaliando que entre 1968 e 2002, 15,52% da população estimada em 2004 deixaram o país, totalizando um universo de 500 mil pessoas, aproximadamente².

¹ “Coojornal” especial, Porto Alegre, Ago, 1979. Acervo pessoal

² GONZÁLEZ, Ana Maria Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción: Inmigración uruguaya en Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre:PPGH/RUC-RS, 2006, 451f.

Durante os anos de 1970 o Brasil também vivia anos de restrições democráticas, mesmo assim, o país era o quarto em preferência pelos imigrantes, ficando atrás de Argentina, Estados Unidos e Austrália, respectivamente. No conjunto das tensões políticas da época, é pertinente analisar como teria ocorrido o ingresso desses imigrantes no Brasil. Padrós (2005) destaca que para o regime brasileiro era importante observar o andamento da política no Uruguai, já que na expressão de Flávio Tavares (1998), Montevidéu era a “Meca” da revolução nacionalista-popular no Brasil, haja vista que o país, antes do fechamento do regime, abrigou muitos exilados políticos brasileiros, dentre os quais Goulart e Brizola.

Havia, por essas razões, uma forte fiscalização de fronteira, que tendeu a uma maior rigidez com o advento da guerrilha urbana, em especial com o movimento Tupamaro³. Muitos imigrantes poderiam, por esses motivos, serem suspeitos de subversão, constituindo uma dificuldade para ingressar legalmente em terras brasileiras.

No entanto, o contexto brasileiro no qual se deram essas migrações mostrava-se, em vários aspectos, bem favorável, pois o país estava em pleno desenvolvimento provocado pelo “Milagre econômico”. Além disso, tornava-se relativamente barato migrar para o Rio Grande do Sul, onde o clima e a cultura gaúcha também apresentam muitas semelhanças com os do Uruguai.

A presença uruguaia em Pelotas sempre foi uma constante, atualmente a colônia conta com aproximadamente 3.000 integrantes. Este aspecto é tão marcante que a cidade já incorporou vários elementos da cultura do Prata. Essa integração bem sucedida possibilitou o surgimento de identidades recriadas, para usar a expressão de Maria Beatriz Rocha-Trindade (2006), que se processam no tempo, entre a comunidade imigrada, que trouxe sua “bagagem” cultural e a adoção de elementos da comunidade receptora.

Mas como se constituiu essa relação? Nessa perspectiva, o projeto visa reconstruir a história desses estrangeiros, principalmente a partir dos relatos dos filhos de uruguaios, observando as condições de vida no exterior, as formas de resistência e adaptação a uma nova realidade, a leitura que muitos deles fizeram do panorama

³ São dos anos 1960 a origem de grupos guerrilheiros de esquerda no Uruguai como o MLN-Tupamaros, o FARO (Fuerzas Armadas Revolucionárias Orientales), o OPR 33 (Organización Popular Revolucionaria “33 Orientales”, bem como grupos paramilitares de direita, como os CCCs (Comando Caza Comunistas), JUP (Juventud Uruguaya de Pie)

brasileiro à mesma época e a análise dos mecanismos de manutenção da cultura e da identidade fora de seu local de origem e assim reconstituir, em parte, a trajetória desses imigrantes, e a analisar como a memória contribui para a construção da identidade.

A definição da *rede* de entrevistados deve-se ao fato de que muitos eram crianças ou adolescentes quando tiveram seu cotidiano transformado pelos acontecimentos políticos em seu país de origem. Migraram sem ter o direito de escolha, que até mesmo seus pais, apesar das circunstâncias, puderam ter. Como interpretaram essas mudanças? Como assimilaram o cotidiano da violência? Como enfrentaram o trauma da imigração imposta? O quanto esses fatos influenciaram, ou não, na construção de uma nova ou na manutenção da identidade cultural e nacional, fora de seu local de origem?

Para dar conta dessas questões, adotou-se o método da história oral temática, através da reconstrução do passado, na intersecção do individual com o social. Os objetivos são o de analisar a história de um período e de um grupo. Desta forma, pretende-se dar voz a sujeitos comuns, anônimos, cuja história se fez na diáspora. Paul Thompson (1992, p. 18) afirma que essas narrativas constituem uma alternativa perfeita para a história social. O autor lembra que a subjetividade é inerente a todas as fontes históricas, e mesmo que os dados obtidos em entrevistas possam ser considerados fontes subjetivas por estarem fundadas em memórias individuais, logo passíveis de equívocos ou imaginação, o que é relevante nesses casos é descobrir por que o narrador “foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem o seu significado”. Será justamente a construção dessa memória, individual ou coletiva, o aspecto relevante da pesquisa, pois como afirma Rousso:

A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é por definição, “coletiva” como sugeriu Maurice Halbwachs (ROUSSO, 2006 p. 94).

Por tal contexto, este trabalho também se detém em conceitos de memória, já que a História Oral, como método de pesquisa, tem como suporte as lembranças individuais e coletivas. Alguns autores são importantes para o trabalho como Bosi

(1987), Pollak (1989), Candau (2002), Portelli (2004), Maurice Halbwachs (2004). Joël Candau destaca a importância da memória como fator fundamental para a constituição do indivíduo. A memória está diretamente associada à identidade: se eu lembro, eu sei quem sou. No entanto, o autor também indaga: O que buscamos lembrar? E o que procuramos esquecer?

Sustentamos a idéia de que é com base nessa dicotomia lembranças/esquecimentos, que se molda a identidade do grupo. Entre as entrevistas realizadas estão as obtidas com dois professores de Espanhol da UFPel, Javier Luzardo, Maria Pia Sassi e a estudante Nicol Karina Videla, os irmãos Janaína e Diogo Guerra, o agrônomo Paulo Pinto e o empresário Eduardo Gozalbo. Nota-se que as questões envolvendo origem, também determinaram a forma de inserção na sociedade local. Em muitos casos, o *ser uruguaio* auxiliou os entrevistados na definição de suas ocupações ou profissões. Outro colaborador, Eduardo Gozalbo, mostrou ser uma referência entre os uruguaios na cidade. Segundo o próprio Eduardo, ele teria aberto a primeira *parrillada* no Brasil, comércio gastronômico que hoje é bastante frequente na cidade e no Estado. Eduardo é um dos principais articuladores da comunidade uruguaia no município, visando à consolidação do *departamento veinte*⁴, em Pelotas.

Os entrevistados ingressaram no Brasil em momentos pessoais e políticos diferentes. Gozalbo em idade adulta, no ano de 1969, consciente da escolha e das motivações, tendo um irmão como referência no Brasil. Eduardo tem as questões de identidade melhor resolvidas. Nicol, ao contrário, migrou para o Brasil nos braços de sua mãe. Ao longo de sua entrevista, foi excursionando por suas lembranças deixando entrever que ainda busca constituir sua identidade, hoje proporcionada principalmente pelo seu casamento atual com um imigrante uruguaio. Maria Pia, veio na adolescência e confessa ter vindo contrariada, apesar das difíceis circunstâncias em que se encontrava no Uruguai com a plena deterioração do Estado de Direito. Emigrou em 1974, porque

⁴ O Uruguai conta ao todo com 19 departamentos, sendo o *Departamento Veinte* criado para representar os uruguaios no exterior. Pelotas possui uma colônia de aproximadamente 3 mil uruguaios. Esses números não são muito precisos em razão da flutuação constante desses imigrantes. Muitos utilizam a cidade como ponto de apoio para seguir adentrando ao Brasil, pois a cidade é a maior antes de Porto Alegre, ou então como base de experiência. Uma vez não adaptados, é fácil retornar. Mesmo assim, o número significativo dessa comunidade levou o governo do Uruguai a autorizar a instalação de um Consulado em Pelotas. Uma das maiores lutas do *Departamento veinte* é garantir o direito de voto aos uruguaios residentes no exterior, nesse sentido, foi realizado em 2006 o *1º Encuentro Mundial Del Consejo Consultivo*, em Montevideu, com a presença de dois de nossos entrevistados.

seus pais se viram obrigados a sair do país. O relato de Maria Pia Sassi, junto com o de Paulo Pinto, são os que melhor caracterizam o objeto de estudo. Seria possível, a partir de outros relatos semelhantes, perceber a memória de um grupo, dos *filhos da ditadura* migrados para o Brasil? Há possibilidade de uma narrativa construída no silêncio familiar, entre retalhos de narrativas?

Luzardo é outro imigrante recente, também vindo em idade precoce, no entanto emigrou com seus pais em 1985, quando seu país havia retomado o Estado democrático. Todas essas circunstâncias moldam no interior do grupo diferenças de representações de identidades, que certamente melhor aparecerão quando novas narrativas forem construídas.

Para esta comunicação em especial, tomou-se o relato de Maria Pia Sassi, uma das entrevistadas que melhor caracteriza o objeto de estudo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADE

O processo de “descolonização” dos continentes africanos e asiáticos, nas décadas de 1960 e 1970, além do fenômeno da globalização, têm contribuído para engrossar os movimentos populacionais. Segundo Hall (2005), para os indivíduos que desejam ter acesso aos benefícios do mundo globalizado, a distância entre a periferia e o mundo desenvolvido é de uma passagem aérea. O estreitamento entre espaço-tempo tem provocado um sentimento de mal-estar que caracteriza nossa época, e que busca ser entendido a partir da compreensão da chamada crise de identidades.

A formação de uma cultura *híbrida*, portanto, estaria associada a esses deslocamentos, em conjunto com outros fatores de ordem econômica e social. No entanto, a migração entre povos vizinhos e de culturas próximas parece ter recebido menor atenção. É possível identificar nesses processos migratórios os mesmos efeitos da crise de identidade?

No caso específico dos imigrantes uruguaios em Pelotas, podemos estabelecer outra hipótese: a de que os filhos dos imigrantes vindos para o Brasil motivados pelo momento político no Uruguai, desenvolvem uma relação mais conflituosa com a identidade nacional e cultural do que outros uruguaios migrados no recente período democrático. Meihy afirma ser esse um dos pressupostos para conceituar a *comunidade*

de destino. “A sustentação que marca a união de pessoas são dramas comuns, coetâneos, vividos com intensidade e conseqüências relevantes, episódios que alteram no provir o comportamento pretérito, rotineiro, e que impõem mudanças radicais de vida grupal” (MEIHY, 2007, p. 51).

Podemos perceber indícios desse conflito nas palavras de Maria Pia, morando no Brasil desde 1978, tendo como destino inicial a cidade de Rio Grande, e, atualmente, residente em Pelotas. Sua história pessoal carrega as marcas indeléveis da ditadura. Aos 14 anos viu sua família se desestruturar com o exílio forçado dos pais. Por quatro anos, ela e seus irmãos tiveram que enfrentar sozinhos, em Montevideú, inúmeras adversidades, já que os pais estavam no exterior. O pai ficou sem a possibilidade de retornar, e a mãe teve que desenvolver estratégias para poder permanecer alguns eventuais finais de semana com os filhos. Os *allanamientos*, batidas do exército sem prévio aviso, com invasão às residências para revistas, isolamento social, e tortura psicológica com telefonemas anônimos, foram parte do cotidiano de Maria naquela época. Após terem vindo para o Brasil, ela afirma ter vivido um período de conflito interno, que a levou a querer negar sua origem, recolhendo-se a um convento por nove anos. Foram anos de negação, de rejeição, como ela mesma define. Hoje, com mais de 30 anos de presença no Brasil, ao ser questionada sobre a identidade que mais a caracterizaria, demonstra incertezas e certa inquietação. Não se define como uruguaia ou brasileira, mas antes se pensa como “cidadã do mundo”, “alguém perdida no mundo.” Emocionada, chega à conclusão de que talvez essa luta por manter uma identidade seja uma ilusão. Sente que vive algo falso, pois percebe que busca manter algo que talvez não exista. Quer se sentir uruguaia ao mesmo tempo em que se percebe não ser. Nem uruguaia nem brasileira; esforça-se por ser uma ou outra, mas tem consciência de que não é, o que acaba por gerar um sentimento de perda, de vazio, de falta.

Maria afirma que busca manter a cultura de origem para ser uruguaia, o melhor possível. Acredita que o tempo levou-a a isso. Podemos pensar na fala de Maria, através das palavras de Portelli (2004, p. 298):

[...] as versões das pessoas sobre seus passados mudam quando elas próprias mudam. A mudança pessoal tende a ser muito mais imprevisível e de menor alcance do que a mudança coletiva, assim como, muitas vezes, mais consciente e desejada. A demanda de um indivíduo ao contar sua estória, pode, muitas

vezes trazer tanto conformidade quanto mudança, tanto coerência quanto amadurecimento. Os narradores estabelecem, portanto, serem tanto a mesma pessoa de sempre, quanto uma outra pessoa.

No caso de Maria, o tempo cumpriu e parece continuar a cumprir um processo de maturação em relação a todos os seus sentimentos e traumas. Ela alega que superada a etapa de rejeição, veio a reconciliação adquirida justamente com o tempo, mas, logo em seguida, refletindo durante a conversa, Maria se contradiz ao também afirmar que esse mesmo tempo a fez perder a identidade ou a refazê-la. Também é possível perceber que, em sua trajetória de vida, adotou aspectos de outras culturas com as quais também conviveu⁵ para se constituir no que é hoje. Essas questões nos impõem uma discussão mais aprofundada sobre tempo e memória como propõem Portelli (2004) já que a estória narrada pelo entrevistado é “aberta, provisória e parcial”.

Outro aspecto recorrente nos depoimentos, diz respeito ao sentimento de ser sem pertencer. Na expressão de muitos uruguaios, *Ni de acá, ni de Allá*, revela o não ser de lugar algum. Porém, simultaneamente também manifestam pertencer a essas duas ou mais culturas. Essa é uma sensação que parece ser compartilhada por todos os estrangeiros residentes no exterior, no entanto, ela, aparentemente, se expressa mais nitidamente quando contraposto ao outro. A identidade é relacional, isto é, ela depende de algo fora dela para existir, isto é, precisa de outra identidade que seja seu oposto.

Maria procura ser mais uruguaia quando está com seus conterrâneos. Quando não está próxima de algo que evoque a lembrança de suas origens, esse conflito não se manifesta com a mesma intensidade, pois entre brasileiros, ela sabe atuar e comunicar-se, comunicação que vai muito além do idioma, é um diálogo com a cultura brasileira. Manuel Castells define esse fenômeno como “*um processo de construção de significados inter-relacionados com outras fontes de significado*” (1999, p. 23). O autor destaca que toda a identidade é construída e o que é relevante é entender como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece.

Outro entrevistado, Javier Luzardo, associa sua identidade à participação política. Como não é naturalizado, possui apenas a carteira de estrangeiro permanente. Não tem, portanto, o direito ao voto assegurado no Brasil, embora também afirme não participar das eleições no Uruguai. Cobra-se quanto a isso, lastimando o fato de não

⁵ Maria também viveu um período na Itália e na Espanha.

exercer sua cidadania, mas diz não sentir necessidade do exercício do voto. Se “a identidade é marcada por meio de símbolos,” como afirma Katharyn Woodward (2008), um dos elementos que caracterizam o ser uruguaio é sua reconhecida consciência política. Talvez esteja aí a razão do constrangimento descrito por Javier, ao entender que sua participação como eleitor, mais do que um direito ou dever, é um elemento incorporado à cultura uruguaia. Eduardo também destaca esse aspecto, afirmando que os brasileiros admiram a consciência política dos uruguaios. Já para Javier, o ato de não participar da vida política como eleitor estaria associado a não “ser” como os demais uruguaios, mesmo assim, apesar de lamentar não ter participado das últimas eleições, acompanha com interesse os últimos acontecimentos políticos no Uruguai⁶. Luzardo não viveu o período da ditadura naquele país. Nascido em 1978, migrou aos 7 anos com os pais em 1985, quando o país retornava à democracia. Migraram muito mais por motivos econômicos, buscavam melhores oportunidades.

José de Souza Martins (2002) considera normal o processo migratório contemporâneo. O sociólogo afirma que é uma característica do sistema capitalista a destruição de todas as relações que se interponham em seu natural desenvolvimento. Com o avanço nas tecnologias de produção, as relações de capital-trabalho sofreram significativas alterações e entraram em uma nova etapa no final do século XX. A necessidade de se deslocar de seu lugar de origem está associada à reduzida perspectiva financeira ou a maior demora do trabalhador em conseguir recolocar-se e até de inserir-se no atual mercado de mão-de-obra. Essas transformações são alguns dos aspectos da designada globalização, e que para muitos autores das ciências sociais é um importante componente do deslocamento das identidades nacionais.

Também Cuche (1998) sustenta que a problemática referente à cultura e identidade, situa-se no contexto de enfraquecimento do Estado-nação e à globalização da economia. As suspensões das formas democráticas de representação vedaram ao cidadão a possibilidade de participar, decidir, debater sobre o modelo desejado de desenvolvimento econômico e social, e ao ter reduzida sua participação, restringiram-se suas expectativas. Embora na atualidade o momento político seja outro, as incertezas das medidas econômicas impostas pelo neo-liberalismo provocam efeitos semelhantes.

⁶ Em nossa conversa, Javier revelou que tinha planos para comparecer à posse do recente presidente eleito do Uruguai, Pepe Mujica, ex-militante Tupamaro. Havia perspectivas de organizar uma excursão com outros uruguaios residentes na cidade.

Podemos, a partir dessas considerações, estabelecer um comparativo entre os uruguaios emigrados em momentos diferentes. No que diz respeito à atuação política, por exemplo, Maria também se declara hoje em dia apolítica, mas se sabe que por razões diferentes. Seus pais a proibiram de participar de qualquer movimento estudantil e político no Brasil, e por isso mesmo ela alega ter se anulado, pois se considerava uma militante política desde muito jovem. Seguindo o raciocínio de Woodward (2008), existe uma associação entre a identidade da pessoa e aquilo que ela faz ou usa. Maria e Javier são professores de espanhol da UFPel e ambos afirmam que buscam manter e aprimorar a língua mãe. Javier confidenciou que quando vai ao país natal e dialoga com um conterrâneo, percebe que não possui a mesma fluência, sente-se um “lixo”, sente-se menos urguaiio. Por outro lado, Maria confessa que, quando está em meio a um grupo de compatriotas, ela se “sente”, ri e “vive”.

É por meio dessas reminiscências que Maria e outros uruguaios buscam reconstruir o que são, ou sentem ser. Fazem isto na expressão, na forma de atuar, nos hábitos e principalmente no idioma, que necessita ser constantemente rememorado e praticado. Trabalha-se também com a hipótese de que os traumas provocados pela ditadura nos filhos dos uruguaios podem trazer elementos novos ao tema.

Considerações finais:

A pesquisa com História Oral justifica-se em estudos voltados para questões relativas à identidade e à memória, permitindo estabelecer algumas análises que com outros métodos não seriam possíveis. Em casos como o do grupo selecionado para entrevistas visando este trabalho, também servem, como destaca Meihy (2007), de base para avaliar suas repercussões no desenvolvimento individual e social desse grupo.

Através dos deslocamentos populacionais, surgem novas identidades que correspondem ao que o Hall (2006) denomina de homens *traduzidos*, que dialogam e transitam entre duas ou mais culturas. No entanto, percebe-se que quando o imigrante se vê forçado a estabelecer novos vínculos, a adaptar-se a novos hábitos e novas culturas, enfrenta um processo de desenraizamento, que, em muitos casos, revela-se bastante conflituoso.

Nesta apresentação, procuramos demonstrar, que outros elementos também podem atuar nessa crise de identidade. As circunstâncias que a levaram a sair do Uruguai naturalmente deixaram suas marcas que ainda procuram ser superadas. Maria se refere ao “que foi perdido”, ao que deixou de ser vivido e que hoje busca de alguma forma recuperar.

Assim, a hipótese deste ensaio diz respeito a esse vazio deixado por essa perda imposta por um período de exceção política no Uruguai e migração forçada, principalmente nos filhos de imigrados no período da ditadura, que ainda tentam entender o que lhes aconteceu e que possivelmente diferencie as formas como os imigrantes uruguaios adaptaram-se à “nova pátria” e a uma nova sociedade em Pelotas.

Fontes orais:

- Entrevista realizada pelo autor com Maria Pia Sassi, em 23/02/10 , em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Javier Eduardo Silveira Luzardo, em 19/02/10, no seu local de trabalho, no CEAD/UFPEL.
- Entrevista realizada pelo autor com Eduardo Maria Pereira Gozalbo, em 02/03/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Nicol Karina Videla, em 21/07/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Paulo Roldan Pinto, em 11/11/10, em uma parrillada.
- Entrevista realizada pelo autor com Janaína Guerra em 17/11/10, em sua residência.
- Entrevista realizada pelo autor com Diogo Guerra em 19/11/10, em sua residência.

Fontes escritas:

- “COOJORNAL” especial, Porto Alegre, Ago, 1979. Acervo pessoal.

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** Ed. da Universidade de São Paulo, 2.ed. 1987.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la memoria.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação.** O poder da identidade. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** São Paulo, Edusc, 1998.

- FENELLON, Dea; MACIEL, Laura; ALMEIDA, Paulo e KHOURY, Yara (orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Editora Olho d'água, 2004, p. 296-313.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo, Associação Editora Humanitas, 2006.
- GONZÁLEZ, Ana Maria Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción: Inmigración uruguaya en Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre:PPGH/RUC-RS, 2006, 451f.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MEIHY, Jose e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- NAHUM, Benjamin et al. **História Uruguaya**. Vol. 8, 1958-1973, Montevideo, EBO, 1994.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In:
- PADRÓS, Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança nacional. Uruguai (1968-1985) do Pachecato à Ditadura Civil-Militar**. Doutorado em História. UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Inês. Recriação de identidades em contextos de migração. In: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (org.) **Discutindo Identidades**. São Paulo: Humanitas/CERAU, 2006.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Mareita de Moraes (org) **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. 8. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008).
- TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento**. São Paulo: Globo, 1998.
- VIERTLER, Renate B. Estudos sobre “identidade”. In: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (org.) **Discutindo Identidades**. São Paulo: Humanitas/CERAU, 2006.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WODWARD, Katharyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:
- WONSEWER, Israel e TEJA, Ana Maria. **La emigración uruguaya. 1963-1975**, Montevideo, CINVE-EBO, 1985.